JOSEPH ZEN ZE-KIUN

REFLEXÕES DO ADVENTO DO CARDEAL ZEN

PAULUS

Introdução

por Aurelio Porfiri

Sem dúvida, entre as celebrações mais queridas pelos católicos, senão a mais querida de todas, está a solenidade do nascimento do Salvador, a celebração do Natal. Todos nós guardamos certamente memórias desta festividade que nos fazem recordar muitos momentos belos vividos em família. No entanto, é importante reconhecer também o valor do tempo que precede o Natal: o tempo do Advento. Dom Próspero Guéranger, nos seus admiráveis comentários sobre o ano litúrgico, fala do Advento com estas palavras:

> Nos dias do Advento, o Salvador bate à porta de cada alma, por vezes de modo percetível, outras vezes de forma oculta. Vem perguntar se há lugar para Ele, para que possa nascer dentro de cada um. E, no entanto, embora a casa que visita seja sua pois foi Ele quem a construiu e a conserva, lamentou-Se de que os seus não O quiseram receber (Jo 1,11), pelo menos a grande maioria. «Ela [A Palavra], porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que A receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu Nome. Estes não nasceram do sangue, nem do impulso

da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus» (Jo 1,12-13).

Preparai-vos, portanto, para que Ele nasça em vós de forma mais bela, mais luminosa, mais forte do que jamais O conhecestes, ó almas fiéis que O guardais em vós como um tesouro precioso e que, há já muito tempo, não tendes outra vida senão a d'Ele, nem outro coração senão o d'Ele, nem outras obras senão as suas. Sabeis colher nas palavras da sagrada liturgia aquelas que despertam o vosso amor e tocam o coração do Esposo.

Abri as portas para O receber na sua nova vinda, vós que já O tendes dentro de vós, mas sem O conhecerdes verdadeiramente; que já O possuís, mas sem O saboreardes. Ele volta com nova ternura, esqueceu a vossa recusa, deseja renovar todas as coisas (cf. Ap 21,5). Preparai-Lhe lugar, ao Menino celeste que quer crescer em vós. O momento está próximo: Desperte, pois, o vosso coração. Vigiai e orai, para que Ele não vos surpreenda adormecidos quando passar. As palavras da liturgia são também para vós, porque falam das trevas que só Deus pode dissipar, de feridas que só a sua bondade pode curar, de anseios que apenas a sua virtude pode saciar.

E vós, cristãos, para quem a Boa-Nova parece não ter efeito – porque os vossos corações morreram no pecado quer essa morte vos tenha aprisionado durante longos anos, quer a ferida causada por ela tenha sido infligida mais recentemente à vossa alma – eis que vem Aquele que é a Vida. «Por que motivo deveríeis morrer, casa de Israel? Eu não sinto prazer com a morte de ninguém — oráculo do Senhor. Convertei-vos e tereis a vida» (Ez 18,31-32).

> A grande celebração do seu Nascimento será um dia de misericórdia universal para todos aqueles que Lhe abrirem a porta. Esses voltarão a viver com Ele. Toda a vida anterior será abolida e, onde abundou o pecado, superabundará a graça (cf. Rm 5,20).

Estas palavras admiráveis do grande monge e reformador beneditino ajudam-nos a meditar sobre estes tempos litúrgicos de graça e de fecundidade espiritual.

O Natal adquire verdadeiro significado quando o vivemos na perspetiva do Advento, que nos ajuda a meditar sobre a vinda do Salvador na carne, para depois nos abrirmos à contemplação da sua vinda na glória.

Refletir sobre o Advento e o Natal com alguém como o Cardeal Joseph Zen Ze-kiun é particularmente interessante. Nascido em Xangai, em 1932, o Cardeal Zen ingressou ainda adolescente na congregação dos Padres Salesianos, tornando-se filho espiritual de São João Bosco. A certa altura, foi transferido para Hong Kong com outros estudantes, a fim de prosseguir os estudos. Dali, seguiu para Itália, onde aprofundou a sua formação académica em Turim e em Roma, podendo dedicar-se ao estudo da Filosofia e obter o doutoramento nessa área. Depois da ordenação sacerdotal, regressou a Hong Kong, onde desempenhou diversas funções ao serviço da sua congregação e iniciou a docência. Neste âmbito, foi especialmente significativa a sua passagem pelos seminários da China continental, onde ensinou entre 1989 e 1996. Em 1996, foi nomeado bispo coadjutor de Hong Kong e, em 2002, tornou-se bispo titular da diocese. Foi criado cardeal em 2006. Aposentou-se em 2009, mantendo-se, no entanto, muito ativo, sobretudo nas batalhas que tem travado em defesa da doutrina social da Igreja.

Muitos conhecem o Cardeal Zen pelas suas posições públicas nos meios de comunicação internacionais, mas é importante compreender que tudo isso não é fruto das estratégias de um homem politicamente comprometido, mas sim das aspirações de um homem de fé, que encontra na oração, especialmente na oração litúrgica, uma fonte permanente de inspiração. Estas meditações sobre o Advento e o Natal são fruto do seu itinerário espiritual ao serviço da Igreja de Hong Kong e da Igreja universal. O material destas reflexões foi adaptado a partir de várias fontes, entre as quais se incluem homilias, discursos e meditações proferidas sobretudo durante o tempo em que foi bispo de Hong Kong. O Cardeal Zen reviu o texto definitivo e introduziu as melhorias necessárias tendo em vista a presente publicação.

Espera-se que estas meditações ajudem os leitores a viver com maior fervor os tempos litúrgicos do Advento e do Natal, e a progredir no seu caminho de fé.

Conclusão

O Senhor consumou a salvação

Durante o Advento, especialmente na última semana, a Igreja eleva com maior fervor a sua oração a Deus por meio das «grandes antífonas»:

Ó Sabedoria do Deus Altíssimo,
que tudo ordenas com poder e suavidade,
vem ensinar-nos o caminho da sabedoria!

Ó Chefe da casa de Israel,
que no Sinai deste a Lei a Moisés,
vem resgatar-nos com o teu braço poderoso!

Ó Raiz de Jessé,
estandarte do amor de Deus para todos os povos,
vem salvar-nos sem demora!

Ó Chave de David,
que abres as portas do Reino eterno de Deus,
vem libertar os prisioneiros das trevas!

Ó Astro nascente,
esplendor da luz eterna, sol de justiça,
vem iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte.

Ó Rei das nações e pedra angular da Igreja,
vem salvar o homem que formaste do pó da terra!

Ó Emanuel, nosso Rei e Legislador,
vem salvar-nos, Senhor nosso Deus!

Serão estas as orações dos profetas do Antigo Testamento? Sim! Já foram todas estas orações atendidas? Sim! Então, por que motivo as repetimos? Porque só encontra quem procura, só se sacia quem tem fome e sede, e só àqueles que abrem o coração com esperança virá o Salvador.

O Salvador veio ao mundo e completou a obra da salvação. Confiou essa salvação à Igreja. No ciclo litúrgico, a Igreja conduz-nos através da esperança e da penitência para acolhermos de novo o Salvador. Nesta noite de Natal, quer numa basílica majestosa, quer numa capela simples, a Igreja proclama a mesma boa nova: «Porque nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado: sobre o seu ombro está o manto real» (Is 9,5). «A graça de Deus manifestou-se para a salvação de todos os homens» (Tt 2,11). «Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias, o Senhor» (Lc 2,11).

Apêndice

Cantar o Advento e o Natal

O canto foi sempre uma parte importante da minha formação e da minha espiritualidade litúrgica. Ainda hoje guardo na memória algumas das melodias, mesmo que, por vezes, já não sejam utilizadas nas nossas comunidades. Naturalmente, os hinos do Advento e do Natal ocupavam um lugar especial nesta prática.

Quando jovem, costumava cantar uma antífona do Advento em latim. Era carregada de nostalgia e a letra era belíssima. A antífona dizia: *Roráte caéli désuper, et núbes plúant jústum* (Orvalhai, ó céus, lá do alto, e as nuvens chovam o Justo). Tem quatro estrofes:

1. Não te enfureças, Senhor, por causa das nossas iniquidades. Eis que a cidade dos teus Santos está deserta; Sião está desolada, Jerusalém tornou-se um deserto. A casa da tua bênção e da tua glória, onde os nossos pais te louvavam.

2. Pecámos e tornámo-nos como coisa impura. Caímos como folhas secas, e as nossas iniquidades levaram-nos ao sabor do vento. Escondeste de nós o teu rosto e feriste-nos com o peso da nossa culpa.

3. Vê, Senhor, a aflição do teu povo e envia Aquele que prometeste enviar. Envia o Cordeiro, Senhor da terra, desde a rocha do deserto até ao monte da filha de Sião, para que retire o jugo da nossa servidão.

4. Consolai-vos, consolai-vos, ó meu povo. Brevemente enviarei a vossa salvação. Porque estais consumidos pela tristeza? Porque renovais a vossa dor? Eu vos salvarei, não temais, pois Eu sou o Senhor vosso Deus, o Santo de Israel, o vosso Redentor.

Considero este hino verdadeiramente belo, rico em espiritualidade litúrgica e pleno de sentido para o tempo do Advento. Pode, com efeito, ser cantado em todos os domingos do Advento, sendo saboreado continuamente, como bem merece. Tive a graça de o memorizar em criança e de o voltar a apreciar mais tarde, na vida comunitária. Este hino do Advento inspira-se nas palavras do profeta Isaías (45,8): *«Rorate, caeli, desuper, et nubes pluant justum; aperiatur terra, et germinet Salvatorem, et justitia oriatur simul: ego Dominus creavi eum.»* Estes versículos encontram-se na liturgia da Igreja sob diversas formas, por exemplo, como antífona de entrada do IV Domingo do Advento. Porém, a certa altura, foram organizados como um hino, com refrão, segundo o primeiro modo do canto gregoriano. As estrofes recordam-nos a necessidade de conversão, num tom quase quaresmal. Lembremo-nos de que o Advento é também um tempo de conversão.

Aprendi este hino quando vivia em Xangai, ao entrar para os Salesianos com apenas doze anos. Os padres missionários ensinaram-nos, a nós, rapazes chineses, aquele que era, evidentemente, o canto da Igreja. Éramos muitos os aspirantes chineses desejosos de entrar para os Salesianos. Aqueles eram tempos difíceis, marcados pela guerra. A vida familiar nem sempre era fácil, devido à pobreza generalizada. Nos Salesianos, tivemos a sorte de ter alojamento assegurado e refeições regulares. Vem-me à memória o belo hino do Advento *Conditor Alme Siderum*. Mas devo dizer que estou mais familiarizado com outro texto, cantado com a mesma melodia: *En Clara Vox*, entoado nos últimos dias antes do Natal. A terceira

estrofe é particularmente bela: *Vergénte mundi véspere, uti sponsus de thálamo egréssus honestissima. Virginis matris cláusula*. Estas palavras extraordinárias representam Cristo, que vem ao mundo na noite do mundo, entrando no seio da mais castíssima Virgem Maria como um esposo que sai do seu tálamo nupcial. São palavras de elevada poesia e espiritualidade. Gosto muito deste hino na versão latina. Já da versão chinesa gosto bastante menos, e gostaria de explicar porquê. Como bem sabemos, trata-se de um canto silábico, ou seja, cada nota corresponde a uma sílaba. No entanto, no original latino há palavras com mais do que uma sílaba, e assim é mais simples deixar-se guiar pelo acento da palavra e inseri-lo na arquitetura da frase. Em chinês, cada nota corresponde a um carácter que, por sua vez, equivale a uma palavra, o que faz com que, por vezes, a execução soe bastante martelada. As traduções chinesas do canto gregoriano nem sempre são adequadas. O canto gregoriano deve ser interpretado no seu original, pois é amplamente reconhecido que está intimamente unido ao latim. Este é um aspeto muito importante a ter presente. Cantávamos a partir do *Liber Usualis*, vindo da Abadia de Solesmes, embora hoje existam edições que, a meu ver, já não respeitam suficientemente a prosódia gregoriana.

Entrei para os Padres Salesianos em Xangai, em 1944. A minha mãe apresentou-me a um sacerdote santo, o Padre Carlo Braga, hoje Servo de Deus. Era verdadeiramente uma pessoa de profunda espiritualidade, que viria a exercer uma grande influência na minha vocação. Tive a alegria da sua presença na minha primeira Missa. O Padre Braga, entre os seus vários talentos, possuía também o dom da música. Por isso, ele e os outros padres salesianos incentivavam vivamente o estudo do canto litúrgico. A liturgia era, de facto, cuidadosamente preparada. Com efeito, apenas três anos depois da minha entrada nos Salesianos, o Papa Pio XII viria a falar da importância do canto gregoriano na sua encíclica *Mediator Dei*:

> No que respeita à música, observem-se escrupulosamente as normas claras e orientadoras da Sé Apostólica. O canto gregoriano, que a Igreja Romana considera como seu próprio, transmitido desde a Antiguidade e conservado sob a sua tutela vigilante, é proposto também aos fiéis como um tesouro que lhes pertence. Em determinadas partes da liturgia, a Igreja prescreve-o de forma explícita; ele torna a celebração dos sagrados mistérios não só mais digna e solene, como contribui grandemente para o aumento da fé e da devoção da assembleia. Por esta razão, os nossos predecessores de imortal memória, Pio X e Pio XI, decretaram e nós temos a alegria de confirmar, com a nossa autoridade, as normas por eles estabelecidas que nos seminários e institutos religiosos o canto gregoriano seja promovido com diligência e zelo, e que, além disso, se restabeleçam as antigas *Scholae Cantorum*, ao menos nas igrejas principais. Isto já foi realizado, com bons resultados, em não poucos lugares.[8]

Mesmo em Xangai, essas normas já eram observadas, ainda que cantássemos não só em canto gregoriano, mas também em polifonia. Em Xangai, vivíamos numa casa grande. Havia aspirantes, como eu, noviços, estudantes de Filosofia e de Teologia, entre os quais se contavam alguns missionários. Cantavam o gregoriano de forma verdadeiramente sublime. Quando alguns interpretavam as partes a solo, embora fossem dois, pareciam uma só voz: havia uma fusão perfeita.

Naturalmente, também estudávamos Latim, o que representava, sem dúvida, um esforço para nós. Chorámos muito, pode dizer-se, mas isso permitiu-nos compreender o que cantávamos e

[8] Papa Pio XII, encíclica *Mediator Dei* (20 de novembro de 1947), n.º 191.

saborear a sua beleza. Embora aprender latim nos pudesse parecer complicado, cantar em latim era, de qualquer modo, mais simples.

O nosso professor de música era, de facto, um músico muito bem preparado e exigente também: o Padre Cesare Brianza (1918--1986), um sacerdote italiano que, na altura dos meus estudos, ainda era bastante jovem, mas dominava plenamente a sua arte. Estava na China desde 1935 e, por isso, conhecia bem o ambiente. Este talentoso sacerdote salesiano encontrou o seu lugar em Macau, onde permaneceria durante trinta anos e onde pôde colocar os seus talentos ao serviço da comunidade local entre outras coisas, dirigindo um coro de rapazes que chegou a levar em concerto para fora de Macau.

Entrei no terceiro ano do aspirantado, mas, durante o primeiro desses anos, tive de estudar Latim e, por isso, só comecei a cantar no segundo ano. Confesso que, a certa altura, fui retirado do coro. Não era propriamente desafinado, mas a minha voz era um pouco "estranha" e não se fundia bem com as outras, como o nosso instrutor desejava. Assim, tive de parar durante um ano. Mais tarde, fui convidado pelo instrutor a regressar e então compreendi porquê. Na verdade, embora a minha voz não harmonizasse facilmente com as demais, era bastante útil quando se cantavam peças em polifonia, na parte do contralto que, como os mestres bem sabem, é muitas vezes a mais difícil, por ser uma expressão musical subordinada à própria melodia. A minha voz era, como disse, um pouco peculiar, mas eu tinha bastante segurança nesse registo. Assim, de um modo ou de outro, consegui tornar-me útil. O instrutor dizia--me para cantar suavemente, ao ouvido dos outros, mais como um ponto de apoio do que propriamente como um coralista.

Em 1948, fomos transferidos para Hong Kong para continuar os estudos rumo à ordenação sacerdotal. Lembro-me de que aí também se cantava um pouco de canto gregoriano, nomeadamente

na catedral. Recordo-me da *schola*, formada por coristas leigos de idade já avançada. Não sei bem porquê, mas ao recordar esse tempo, vem-me à memória o canto de uma antífona, *Pacificus vocabitur*, no oitavo modo, entoada na solenidade de Cristo Rei.

Na minha comunidade religiosa aqui em Hong Kong, ainda cantamos, por vezes, em canto gregoriano. Houve uma ocasião em que tivemos algumas semanas de formação e oração dedicadas aos nossos padres, alguns dos quais estavam de partida como missionários para Taiwan ou para a China. Nesses dias, alternávamos os momentos de oração em mandarim, cantonês, inglês e latim. Naturalmente, o canto gregoriano ocupava aí um lugar importante.

No tempo do Advento, cantava-se também o *Tota Pulchra* por ocasião da solenidade da Imaculada Conceição. Não entoávamos a antífona no primeiro modo, provavelmente mais popular nos países ocidentais, mas sim a antífona no quinto modo, composta mais recentemente por Dom Joseph Pothier, da Abadia de Solesmes, uma melodia belíssima e nobre, que permanece sempre no meu coração e na minha memória.

O Natal era, obviamente, um tempo de grande alegria. Esta tradição remonta ao nosso fundador, São João Bosco, que dedicava particular atenção à novena de preparação para o Natal e à sua música. Havia, por exemplo, o belo invitatório *Regem venturum Dominum*, com aquele encantador versículo que começava por *Iucundare filia Sion, et exsulta satis filia Ierusalem*. Trata-se de um cântico verdadeiramente maravilhoso, no qual se pode saborear plenamente a alegria natalícia. Muito belo é também o Introito do Natal, *Puer natus est nobis*, cujo início, com aquele intervalo no quinto modo, transmite-nos algo que se eleva, mas também uma sensação de firmeza e de poder: o poder do Filho de Deus, que veio ao mundo para nos redimir e trazer a salvação de Deus a

toda a Humanidade. Parece o som de uma trombeta que anuncia a grande alegria da época natalícia.

Entristece-me que este repertório tenha sido hoje, em parte, abandonado. Compreendo o desejo de favorecer a participação do povo, mas penso que ambas as abordagens poderiam ter sido conciliadas. Durante o meu tempo como bispo de Hong Kong, procurei fazer algo nesse sentido, mas creio que poderia ter feito mais, pois a música sacra é parte integrante da liturgia e deve ser cuidadosamente preservada e bem executada.

Índice

Introdução 5

PARTE I - ADVENTO
11

Um Tempo de Preparação
Meditação 1
O tempo é como uma espiral 15

Meditação 2
Já veio e há de vir 16

Meditação 3
As grandes coisas que o Senhor preparou para nós 17

Temas para o Advento
Meditação 4
Esperança 23

Meditação 5
Vigilância e preparação 27

Meditação 6
Arrependimento 28

Meditação 7
Alegrai-vos! 33

São João Batista e São José
Meditação 8
São João Batista 39

Meditação 9
O drama de São José 44

Jesus, o Senhor

Meditação 10
Jesus e as profecias 49

Meditação 11
Jesus, o Cordeiro de Deus 51

Meditação 12
A Segunda Vinda 53

PARTE II - NATAL

61

Nasceu para nós um Menino

Meditação 13
Nasceu Cristo Salvador 65

Meditação 14
Nasceu um Menino 67

Meditação 15
O Filho de Deus encarnado
é o verdadeiro centro da união humana 71

Meditação 16
A grande família da Igreja 72

Meditação 17
O verdadeiro sol é Jesus 73

Tempo de alegria

Meditação 18
O Natal traz alegria 77

Meditação 19
A alegria no Senhor 79

Meditação 20
A verdadeira e a falsa alegria 82

Temas litúrgicos

Meditação 21
A Sagrada Família 89

Meditação 22
Epifania 93

Meditação 23
O Batismo do Senhor 110

Meditação 24
A Apresentação do Senhor 115

Levar a salvação ao mundo

Meditação 25
Quantos ainda não conhecem Jesus Cristo? 119

Meditação 26
Como podem ser amados por Deus aqueles que não têm fé? 121

Meditação 27
Também nós precisamos de ser evangelizadores 122

Meditação 28
O dom da paz 124

A Mãe no plano da Salvação

Meditação 29
O *fiat* de Maria 130

Meditação 30
A Visitação a Isabel 133

Meditação 31
A Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria 136

Meditação 32
O Rosário 139

Conclusão 141

Apêndice 143